

O PAPEL ESTRATÉGICO DE SÃO PAULO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS



Coordenação e edição

Edney Cielici Dias

Autores deste número

Maria Regina Novaes Marinho,
pesquisadora da Fundação Seade
e **Gian Fabricio Martins Silva**,
especialista em políticas públicas
da Secretaria de Gestão Pública
do Estado de São Paulo



SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Diretora Executiva

Maria Helena Guimarães de Castro

Diretora Adjunta Administrativa e Financeira

Silvia Anette Kneip

Diretor Adjunto de Análise e Disseminação de Informações

Haroldo da Gama Torres

Diretora Adjunta de Metodologia e Produção de Dados

Margareth Izumi Watanabe

Corpo editorial

Maria Helena Guimarães de Castro;

Silvia Anette Kneip;

Haroldo da Gama Torres;

Margareth Izumi Watanabe;

Edney Cielici Dias e

Oswaldo Guizzardi Filho

Av. Cásper Líbero 464 CEP 01033-000 São Paulo SP

Fone (11) 3324.7200 Fax (11) 3324.7324

www.seade.gov.br / sicseade@seade.gov.br / ouvidoria@seade.gov.br

APRESENTAÇÃO

PESQUISAS INSERIDAS NO DEBATE PÚBLICO

O Seade é uma instituição que remonta ao século 19, com o surgimento da Repartição da Estatística e do Arquivo do Estado, em 1892. Ao longo de mais de um século, tem contribuído para o conhecimento do Estado por meio de estatísticas, com um conjunto amplo de pesquisas sobre diversos aspectos da sociedade e do território de São Paulo. Levar parte importante desse volume de informação e suas interconexões ao público é, por sua vez, uma tarefa tão relevante quanto desafiadora.

O Projeto Primeira Análise visa divulgar parte do universo de conhecimento da instituição, ao dialogar com temas de interesse social. Os artigos que compõem o projeto procuram sinalizar, de forma concisa, tendências e apresentar uma análise preliminar do tema tratado. Trata-se de texto autoral, de caráter analítico e científico, com aval de qualidade do Seade.

Os textos são destinados a um público formado por gestores públicos, ao oferecer informação qualificada e de fácil compreensão; ao meio acadêmico e de pesquisa aplicada, por meio de abordagem analítica preliminar de temas de interesse científico; e para a mídia em geral, ao suscitar pautas sobre questões relevantes para a sociedade.

Os artigos do projeto têm periodicidade mensal e estão disponíveis na página do Seade na Internet. Os temas englobam aspectos econômicos, sociais e de interesse geral, abordados em perspectiva de auxiliar na formulação de políticas públicas.

Desta forma, o Seade mais uma vez se reafirma como uma instituição ímpar no fornecimento de informações de importância para o conhecimento do Estado de São Paulo e para a formulação de suas políticas públicas.

Maria Helena Guimarães de Castro

O PAPEL ESTRATÉGICO DE SÃO PAULO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

O Estado é o grande responsável pela venda de industrializados, principalmente produtos intensivos em tecnologia, e pela diversificação da pauta de vendas externas do país

Os produtos industrializados diferenciam a pauta de exportações paulista, representando 87,1% do total – para o conjunto do país, estes produtos equivalem a apenas 51,1%. As exportações do Estado de São Paulo correspondem a 24,5% das brasileiras, mas são responsáveis por 41,7% dos produtos industrializados, com destaque para os manufaturados. Quando se consideram os produtos de maior intensidade tecnológica, esta proporção é ainda maior, concentrando 75,7% dos de alta intensidade e 51,8% dos de média-alta. Entre os principais produtos da pauta de exportações paulista com estas características, destacam-se os aviões e os automóveis. Os dados ressaltam a importância do Estado como grande polo tecnológico e de diversificação das exportações.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Os estudos sobre comércio exterior costumam tratar sistematicamente do conjunto da Federação, não atentando para as especificidades estaduais. No âmbito nacional, o comércio exterior é visto, muitas vezes, pela sua contribuição para o fechamento das contas do país, interferindo no nível de reservas nacionais e na diminuição da vulnerabilidade a choques externos.

O Estado de São Paulo possui uma estrutura produtiva bastante distinta do restante do país, concentrando grande parte do complexo industrial brasileiro, o que torna o perfil de sua pauta de exportações bastante distinto do conjunto.

O Estado de São Paulo comercializa, com o exterior, produtos de maior valor agregado, enquanto o Brasil concentra parte importante de suas exportações em *commodities*. Tão relevantes quanto medidas de logística, que podem incrementar bastante a competitividade no Estado de São Paulo, são as questões relativas a políticas que favoreçam o desenvolvimento da inovação, sobretudo de produto.

Com relação ao destino das exportações, há também diferenciação. Se, para o Brasil, a China é o maior mercado importador, São Paulo tem como maior comprador a Argentina. O Mercosul apresenta um peso relativo muito maior para o Estado, tornando o setor produtivo paulista mais sensível a movimentações deste bloco.

Este estudo avalia o perfil das exportações paulistas em dois momentos: no ano de 1999 e no de 2012, que delimitam um período caracterizado pela flutuação cambial. Analisam-se, detidamente, suas características intrínsecas – grau de elaboração, participação dos produtos, extensão da pauta e intensidade tecnológica dos produtos industrializados – e seus mercados consumidores.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DE SÃO PAULO

Uma primeira categoria de análise das exportações é a que classifica os produtos por fator agregado, segundo o conceito do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).¹ O Brasil tem como imagem difundida o de ser um gigante exportador de produtos intensivos em recursos naturais. De fato, esta consideração é correta, pois os princi-

1. Disponível em: < <http://www.mdic.gov.br>>.

Valor e participação das exportações, segundo principais produtos

Brasil – 2012

Produtos	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
1 Total	242.579	100,0
Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	23.810	9,8
Óleos brutos de petróleo	20.306	8,4
Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	17.240	7,1
Outros açúcares de cana	9.814	4,0
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	7.179	3,0
Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	6.246	2,6
Café não torrado, não descafeinado, em grão	5.722	2,4
Milho em grão, exceto para semeadura	5.285	2,2
<i>Fuel-oil</i> (óleo combustível)	4.773	2,0
Pasta quim. madeira de n/conif. a soda/sulfato, semi/branq.	4.322	1,8

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, AliceWeb; Fundação Seade.

país produtos exportados são os minerais não processados (minério de ferro e óleo bruto de petróleo, que correspondem, respectivamente, a 9,8% e 8,4% da pauta) e os agrícolas (soja, que equivale a 7,1%) (Tabela 1), todos representantes da categoria de produtos básicos.

O Estado de São Paulo, em contraste, tem sua exportação baseada em industrializados. Destacam-se na pauta os açúcares e os aviões,² com participações respectivas de 12,5% e 7,7% no total das exportações paulistas (Tabela 2).

Torna-se mais evidente a maior ênfase nos produtos industrializados na pauta paulista quando se observam os dados da Tabela 3. Para o conjunto do país, os produtos básicos representam 46,8% da pauta e os industrializados (manufaturados e semimanufaturados) equivalem a 51,1%. No Estado de São Paulo, o peso dos industrializados é muito maior, respondendo por 87,1% do total dos exportados.

2. Ambas, açúcares e aviões, são categorias que abrangem mais produtos do que os citados na Tabela 2.

Valor e participação das exportações, segundo principais produtos

Estado de São Paulo – 2012

Produtos	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
Total	59.350	100,0
Outros açúcares de cana	5.142	8,7
Outros aviões/veículos aéreos, peso > 15.000 kg, vazios	3.403	5,7
Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose quimicamente pura, sol.	2.259	3,8
Álcool etílico n/desnaturado c/teor água ≤ 1% vol.	1.255	2,1
Automóveis c/motor explosão, 1.500<cm³<=3.000, até 6 passag.	1.252	2,1
Carnes desossadas de bovino, congeladas	1.012	1,7
Outros sucos de laranjas, não fermentados	866	1,5
Fuel-oil (óleo combustível)	825	1,4
Sucos de laranjas, congelados, não fermentados	814	1,4
Bulldozers e angledozers (equipamento pesado para obras)	749	1,3

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, AliceWeb; Fundação Seade.

Valor, preço por quilo e participação das exportações, segundo fator agregado

Brasil e Estado de São Paulo – 2012

Fator agregado	Brasil			Estado de São Paulo			
	Valor (em milhões de US\$)	Preço por quilo (US\$/kg)	Participação (%)	Valor (em milhões de US\$)	Preço por quilo (US\$/kg)	Participação (%)	SP/Brasil (%)
Total	242.579	0,4	100,0	59.350	1,6	100,0	24,5
Produtos básicos	113.456	0,3	46,8	4.769	1,1	8,0	4,2
Produtos manufaturados	90.877	1,9	37,5	44.036	2,6	74,2	48,5
Produtos semimanufaturados	33.042	0,8	13,6	7.685	0,6	12,9	23,3
Transações especiais (1)	5.204	35,9	2,1	2.860	10,4	4,8	55,0

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

(1) Conforme notas explicativas do MDIC, trata-se "de bens que se incluem na balança comercial, mas nem sempre é possível identificá-los com o maior grau de detalhamento da classificação de mercadorias". Incluem-se comércio de navios e aeronaves que se dedicam ao tráfego internacional, comércio de plataformas de perfuração que atuam em águas internacionais, provisionamento de navios e aeronaves e demais veículos de transporte (consumo de bordo, identificados por combustíveis e lubrificantes e outras mercadorias), encomendas postais, bens móveis de migrantes, doações, bens para reparos (valor total do reparo) e movimento de lojas francas (*free-shop*).

As exportações paulistas representam 24,5% do total das brasileiras, mas são responsáveis por 41,7% dos produtos industrializados, com destaque para os manufaturados, que equivalem a 48,5%.

Não existem muitos estudos de natureza regional sobre intensidade tecnológica de produtos exportados.³ Neste âmbito, outra diferenciação importante está relacionada ao preço por quilo⁴ do produto exportado, uma *proxy* da intensidade tecnológica.⁵ Os resultados para o Brasil (0,4 US\$/kg) e para o Estado de São Paulo (1,6 US\$/kg) indicam uma intensidade bastante maior para este último. Tal diferença pode ser atribuída ao maior valor médio dos manufaturados, que têm participação elevada (74,2% da pauta) e um valor médio superior do que o dos manufaturados do país. No caso do Brasil (Tabela 2), o fator agregado de maior peso (46,8%) é o de produtos básicos, que possuem o menor valor médio entre todos (0,3 US\$/kg).

Para os produtos industrializados, existe um indicador específico da intensidade tecnológica⁶ (Quadro 1), que segue metodologia desenvolvida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A metodologia utiliza o total despendido por cada ramo industrial, especificamente os de transformação, em pesquisa e desenvolvimento (P&D)⁷ e é uma medida relativa. Muitas atividades manufatureiras poderiam, segundo a própria organização, ser consideradas de alta tecnologia, porém não o são segundo a ótica do dispêndio em P&D. Há também, em cada ramo industrial visto separadamente, convivência de produtos de diferente grau tecnológico, assim como diferenças em dispêndio em cada país pesquisado, mas a classificação da OCDE busca criar uma classificação que abranja o conjunto daqueles países. O texto adota a classificação proposta pela OCDE porque ela é condizente com o ambiente competitivo global que a indústria paulista enfrenta ao exportar.

3. No caso do Estado de São Paulo, ver: FAPESP, **Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo**, v. 1, cap. 6, 2010.

4. Em todas as citações posteriores de preço subentende-se a soma do valor total do agregado sobre a soma do peso do mesmo agregado.

5. Em agregados de produtos, a *proxy* preço/quilo tende a demonstrar a incorporação tecnológica.

6. OECD. **OECD Science, Technology and Industry Scoreboard 2003**. OECD Publishing, 2003. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/science-and-technology/oecd-science-technology-and-industry-scoreboard-2003_sti_scoreboard-2003-em>.

7. Este conceito de intensidade tecnológica não tem acolhida homogênea entre os especialistas em políticas industriais e de exportações. Ver: FURTADO, A.T.; CARVALHO, R.Q. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 1, p. 70-84, jan./mar. 2005.

Intensidade tecnológica, segundo critérios da OCDE

Indústrias de alta tecnologia	Indústrias de média-alta tecnologia
Aeronáutica e aeroespacial Farmacêutica Computação e materiais para escritório Equipamentos de comunicação, rádio e TV Equipamentos ópticos, médicos e de precisão	Aparatos e máquinas elétricas Veículos a motor, <i>trailers</i> e <i>semi-trailers</i> Química (excetuando a farmacêutica) Equipamentos ferroviários e de transporte Máquinas e equipamentos
Indústrias de média-baixa tecnologia	Indústrias de baixa tecnologia
Construção e reparo naval Produtos de plástico e borracha Coque, refino de petróleo e combustível nuclear Outros minerais não metálicos Metais básicos e fabricação de produtos de metal	Manufatura e reciclagem Fabricação de papel e demais derivados de madeira, publicação e impressão Produtos alimentícios, bebidas e fumo Têxteis e derivados, couros e calçados

Fonte: OEDC; Fundação Seade.

Essa medida ilustra a maior intensidade tecnológica dos produtos exportados pelo Estado comparativamente ao Brasil.

Como já citado, o Estado de São Paulo representa 41,7% do total dos industrializados exportados pelo país, mas, quando se trata dos produtos oriundos de indústrias de maior intensidade tecnológica, esta proporção é ainda maior, concentrando 75,7% daqueles de alta intensidade e 51,8% dos de média-alta. No espectro de menor intensidade tecnológica, esta desproporção é amenizada com os produtos de média-baixa intensidade exportados pelo Estado, representando 19,6%, e os produtos de baixa, que equivalem a 41,8% do total brasileiro (Tabela 4).

Valor, preço por quilo e participação das exportações, segundo intensidade tecnológica

Brasil e Estado de São Paulo – 2012

Intensidade tecnológica	Brasil			Estado de São Paulo			
	Valor (em milhões de US\$)	Preço por quilo (US\$/kg)	Participação (%)	Valor (em milhões de US\$)	Preço por quilo (US\$/kg)	Participação (%)	SP/Brasil (%)
Total	123.919	1,4	100,0	51.721	1,8	100,0	41,7
Alta	10.235	28,8	8,3	7.749	26,9	15,0	75,7
Média-alta	40.420	4,4	32,6	20.936	6,6	40,5	51,8
Média-baixa	34.340	1,0	27,7	6.747	1,4	13,0	19,6
Baixa	38.925	0,8	31,4	16.289	0,8	31,5	41,8

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

No que se refere às participações das categorias de intensidade tecnológica, há uma preponderância da média-alta no Estado de São Paulo, com 40,5% do total, mas isto não se replica para o conjunto do país. Apesar de a categoria de média-alta ainda ser a de maior participação (32,6%) no âmbito nacional, é seguida de perto pela de baixa intensidade (31,4%), quase a mesma participação do Estado (31,5%).

Os produtos de alta intensidade tecnológica representam, para o país, uma pequena parcela do total (apenas 8,3%), mas esta participação quase dobra no Estado de São Paulo (15,0%), chegando a superar os de média-baixa.

Na estrutura de produtos industrializados entre Brasil e Estado de São Paulo, diferenciam-se também as participações de alta e de média-baixa intensidade tecnológica. Se para o Brasil os produtos dessa última categoria têm uma representatividade significativa (27,7%), o mesmo não ocorre para o Estado de São Paulo, pois eles respondem por apenas 13,0% dos exportados. O indicador preço por quilo por categoria de intensidade tecnológica demonstra ser bastante acurado, ao menos no que se trata de produtos industrializados, mostrando uma correlação entre maior intensidade e maior preço.

Outra especificidade marcante do Estado refere-se aos países de destino das exportações, não tanto pela distinção – dos dez maiores países de destino das exportações do Brasil e do Estado de São Paulo, sete são

coincidentes –, mas sim pelas participações bastante distintas. A China, por exemplo, é o maior comprador brasileiro, com 17,0% das exportações, mas é apenas o terceiro paulista (5,5%). Já a Argentina tem padrão inverso: é o terceiro para o Brasil, com 7,4%, e o primeiro para o Estado, com 13,6% da pauta (Tabela 5).

Valor e participação das exportações, segundo principais países de destino das exportações

Brasil e Estado de São Paulo – 2012

Países	Brasil		Países	São Paulo	
	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)		Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
China	41.228	17,0	Argentina	8.080	13,6
Estados Unidos	26.701	11,0	Estados Unidos	7.597	12,8
Argentina	17.998	7,4	China	3.273	5,5
Países Baixos (Holanda)	15.041	6,2	Países Baixos (Holanda)	2.552	4,3
Japão	7.956	3,3	México	2.274	3,8
Alemanha	7.277	3,0	Venezuela	2.252	3,8
Índia	5.577	2,3	Chile	1.683	2,8
Venezuela	5.056	2,1	Alemanha	1.649	2,8
Chile	4.602	1,9	Bélgica	1.593	2,7
Itália	4.581	1,9	Colômbia	1.248	2,1

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

DIVERSIFICAÇÃO E VULNERABILIDADE

Outro aspecto de relevo é o modo como as exportações podem influenciar a vulnerabilidade a choques externos do Brasil e do Estado de São Paulo. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) afirma que a capacidade de exportação é um dos principais fatores a influenciar a vulnerabilidade.⁸ Para o PNUD, cinco são os principais determinantes da vulnerabilidade às crises externas, entre eles destacam-se dois diretamente ligados às exportações: concentração das exportações; e dependência de produtos primários nessas exportações.

8. Ver: PNUD. **Rumo à resiliência global: sustentando o progresso dos objetivos de desenvolvimento do milênio em uma era de incerteza econômica.** 2011.

Pelos dois determinantes, o Estado de São Paulo seria, caso fosse uma unidade autônoma, menos vulnerável aos choques do que o conjunto da nação. O nível de concentração da pauta de exportações paulistas é menor do que a brasileira. Quanto ao grau de dependência de produtos primários, a diferença é muito mais marcante. Como visto anteriormente, apenas 8,0% das exportações paulistas são de produtos básicos, enquanto 46,9% das brasileiras são desta categoria.

EXPORTAÇÕES PAULISTAS EM 1999 E 2012

Para a análise foram escolhidos os anos de 1999 e 2012 – período que constitui um momento específico na história recente do país, em que houve um sistema de livre flutuação cambial e, portanto, sem intervenção sistemática do governo federal no comércio exterior por meio deste preço essencial, além de representar, também, uma mudança na inserção internacional brasileira.

Um primeiro dado que se destaca é o aumento absoluto das exportações paulistas, que passaram de US\$ 17,5 bilhões em 1999 para US\$ 59,3 bilhões em 2012 (Tabela 6). Entretanto, convém lembrar que houve uma inflação em dólares (37,8%), o que significa um aumento real de 145,5% do valor exportado pelo Estado de São Paulo em 2012 em relação a 1999. Neste mesmo período, as exportações brasileiras passaram de US\$ 48,0 bilhões para US\$ 242,5 bilhões, representando um aumento real de 266,7%.

Quanto à estrutura das exportações, houve mudanças significativas, com destaque para a redução do peso dos manufaturados em relação ao total – que passou de 84,2% em 1999 para 74,2% em 2012 –, sendo a única categoria de fator agregado a ter diminuído. Para o Brasil, sobressai como mudança na estrutura o crescimento na participação dos produtos básicos, que representavam 24,7% do total exportado em 1999 e corresponderam a 46,8% em 2012.

A segunda categoria com maior participação nas exportações paulistas – os produtos semimanufaturados – aumentou seu percentual de 7,6% para 12,9%, entre 1999 e 2012, com destaque para os “outros açúcares de cana”, que representam 66,9% deste total. Nos produtos básicos, o aumento foi menos expressivo, de 6,5% para 8,0%. Transações especiais, apesar de terem a menor participação, registraram o maior aumento, de 1,6% para 4,8%, o que em termos absolutos corresponde a mais de dez vezes.

Valor e participação das exportações, segundo fator agregado Estado de São Paulo – 1999-2012

Fator agregado	1999		2012	
	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
Total	17.543	100,0	59.350	100,0
Produtos básicos	1.136	6,5	4.769	8,0
Produtos manufaturados	14.787	84,3	44.036	74,2
Produtos semimanufaturados	1.336	7,6	7.685	12,9
Transações especiais (1)	284	1,6	2.860	4,8

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, AliceWeb; Fundação Seade.

(1) Conforme notas explicativas do MDIC, trata-se “de bens que se incluem na balança comercial, mas nem sempre é possível identificá-los com o maior grau de detalhamento da classificação de mercadorias”. Incluem-se comércio de navios e aeronaves que se dedicam ao tráfego internacional, comércio de plataformas de perfuração que atuam em águas internacionais, provisionamento de navios e aeronaves e demais veículos de transporte (consumo de bordo, identificados por combustíveis e lubrificantes e outras mercadorias), encomendas postais, bens móveis de migrantes, doações, bens para reparos (valor total do reparo) e movimento de lojas francas (*free-shop*).

Uma explicação geral para estas mudanças pode estar relacionada às alterações nos termos de troca,⁹ destacando-se a elevação de preços das *commodities*, principalmente minerais e agrícolas.

No âmbito da produção industrial, houve redução significativa da participação dos produtos de alta intensidade tecnológica, passando de 19,4% do total para 15,0%, no período analisado. Ao contrário, os produtos de média-alta e de baixa intensidade tiveram suas participações aumentadas, enquanto os de média-baixa apresentaram certa estabilidade (Tabela 7).

Para uma avaliação sintética dos produtos exportados, propusemos uma classificação própria baseada na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) em dois dígitos. Nesta, ficam mais evidentes as mudanças por que passou a pauta exportadora paulista. Observa-se (ver Anexo) um aumento acentuado dos valores exportados nas categorias ligadas às *commodities*, tais como “produtos agrícolas” e “produtos da mineração”, que tiveram aumentos respectivos de 271,6% e 763,1%, entre 1999 e 2012, bastante

9. Segundo o Novíssimo Dicionário de Economia Sandroni, refletem a posição de cada país em termos de seu poder de compra em âmbito internacional. Se os preços das exportações sobem mais rapidamente (ou caem mais devagar) que os preços das importações, diz-se que há um aumento ou melhora nas relações de troca. Quando ocorre o inverso, isto é, quando os preços das importações sobem mais (ou diminuem menos), há uma queda na relação de trocas, também denominada “deterioração das relações (ou termos) de troca”.

Valor e participação das exportações de produtos industrializados, segundo intensidade tecnológica

Estado de São Paulo – 1999-2012

Intensidade tecnológica	1999		2012	
	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
Total	16.123	100,0	51.721	100,0
Alta	3.133	19,4	7.749	15,0
Média-alta	6.138	38,1	20.936	40,5
Média-baixa	2.142	13,3	6.747	13,0
Baixa	4.710	29,2	16.289	31,5

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, AliceWeb; Fundação Seade.

superiores ao crescimento do total das exportações (238,3%). Isto pode ser explicado pela elevação dos preços das *commodities*.

O aumento das transações especiais, outro ponto importante, foi influenciado pela ampliação da inserção internacional, que implica crescimento do número de embarques aéreos e navais. A categoria de “aeronaves, aparelhos espaciais e suas partes” teve um incremento de 191,8% no período, consolidando sua posição como importante indústria no Estado, mas a maior expansão, contudo, foi da categoria de “objetos de arte, de coleção e antiguidades”, que passou de US\$ 177 mil para US\$ 41 milhões, embora tenha pequena participação no total.

Para avaliar a variação dos preços dos agregados citados, calculamos o índice de preços de Laspeyres¹⁰ de 2012, tendo como base 1999, e observamos que os maiores aumentos de preços, entre aqueles com representatividade na pauta, foram os produtos de mineração (466,4%) e as transações especiais (432,1%), ambos bastante influenciados pela elevação do preço do petróleo. Também cresceram os preços das categorias “alimentos, bebidas e fumo” e “produtos agropecuários”.

O índice de Laspeyres foi utilizado também para calcular a variação dos termos de troca do comércio exterior paulista no período de referência, que variou positivamente 16,6%.

10. O índice de Laspeyres é, segundo o *Novíssimo Dicionário de Economia Sandroni* (1999), um índice de preços agregado ponderado, no qual o numerador é a soma dos preços correntes ponderados pelas quantidades de um período-base, e o denominador é a soma dos preços do período-base, ponderados da mesma forma.

Ao focar a análise nos produtos em si, a primeira constatação é a grande extensão da pauta exportadora do Estado de São Paulo, provando a diversificação de sua economia: são 6.105 itens das 12.458 classificações apresentadas pela Nomenclatura Comum do Mercosul em oito dígitos.

Entre os principais produtos da pauta de exportações paulista, destacam-se, em 1999 e 2012, os aviões e os açúcares, conforme mostram as Tabelas 8 e 9. O suco de laranja, segundo item mais exportado em 1999, deslocou-se para o nono lugar em 2012. Em sentido contrário, o álcool etílico aparece ocupando a quarta posição em 2012. Isto reflete a mudança no agronegócio paulista, no qual os canaviais estão substituindo, entre outras, a área plantada com laranja.

Quanto ao destino das exportações, houve uma desconcentração estrutural no período. Se, em 1999, os dois maiores destinos, Estados Unidos e Argentina, representavam 40,9% do total das exportações, em 2012, esse percentual era de 26,4%. Houve também uma inversão na liderança como mercado comprador, com a Argentina assumindo o primeiro lugar, com 13,6%, e os Estados Unidos respondendo por 12,8%.

**T
A
B
E
L
A

8**

Valor e participação das exportações, segundo principais produtos Estado de São Paulo – 1999

Produtos	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
Total	17.543	100,0
Outros aviões a turbojato, etc. 7.000 kg<peso<=15.000 kg, vazios	1.344	7,7
Sucos de laranjas, congelados, não fermentados	1.198	6,8
Açúcar de cana, em bruto	748	4,3
Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose quim. pura, sol.	583	3,3
Automóveis c/motor explosão, 1.500<cm³<=3.000, até 6 passag.	366	2,1
Café não torrado, não descafeinado, em grão	362	2,1
Outras partes e acess. p/tratores e veículos automóveis	323	1,8
Unid. proc. digit. peq. cap. base microprocess. FOB<=US\$ 12.500	246	1,4
Preparações alimentícias e conservas, de bovinos	219	1,3
Pneus novos para automóveis de passageiros	209	1,2

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

Valor e participação das exportações, segundo principais produtos

Estado de São Paulo – 2012

Produtos	Valor (em milhões de US\$)	Participação (%)
Total	59.350	100,0
Outros açúcares de cana	5.142	8,7
Outros aviões/veículos aéreos, peso>15.000 kg, vazios	3.403	5,7
Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose quim. pura, sol.	2.259	3,8
Álcool etílico n/desnaturado c/teor água <= 1% vol.	1.255	2,1
Automóveis c/motor explosão, 1.500<cm ³ <=3.000, até 6 passag.	1.252	2,1
Carnes desossadas de bovino, congeladas	1.012	1,7
Outros sucos de laranjas, não fermentados	866	1,5
<i>Fuel-oil</i> (óleo combustível)	825	1,4
Sucos de laranjas, congelados, não fermentados	814	1,4
<i>Bulldozers e angledozers</i> (equipamento pesado de obras)	749	1,3

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

Entre os países que ganharam participação como destinos das exportações, a China foi o mais relevante. Ocupava, em 1999, a 35ª posição e passou à 3ª em 2012. Três países sul-americanos – Venezuela, Colômbia e Peru – obtiveram ganhos expressivos, mostrando a intensificação do que parece ser a vocação paulista para atuar como grande centro manufatureiro da América Latina (Tabela 10).

Houve queda generalizada de participação dos países mais industrializados, no que os Estados Unidos são o principal exemplo, mas que se reflete também pela ausência de Grã-Bretanha, Federação Russa e Japão na lista dos dez principais destinos das exportações paulistas em 2012. O conjunto dos países europeus perdeu 6,4% de sua participação, outro indicativo nesse sentido. Ocorreu um aumento significativo do número de destinos das exportações, passando de 197 países em 1999, para 219, em 2012, indicando pulverização dos mercados compradores das exportações paulistas, mas que não se refletiram em mudança significativa em termo de valor, pois, somados, estes novos mercados contribuem apenas com 0,4% do total.

Valor e participação das exportações, segundo principais países de destino
Brasil e Estado de São Paulo – 2012

Países	1999		Países	2012	
	Valor (em milhões de US\$)	Partici- pação (%)		Valor (em milhões de US\$)	Partici- pação (%)
Total	17.543	100,0	Total	59.350	100,0
Estados Unidos	4.301	24,5	Argentina	8.080	13,6
Argentina	2.883	16,4	Estados Unidos	7.597	12,8
Países Baixos (Holanda)	857	4,9	China	3.273	5,5
México	637	3,6	Países Baixos (Holanda)	2.552	4,3
Bélgica	635	3,6	México	2.274	3,8
Alemanha	579	3,3	Venezuela	2.252	3,8
Grã-Bretanha (Reino Unido)	520	3,0	Chile	1.683	2,8
Chile	492	2,8	Alemanha	1.649	2,8
Federação Russa	383	2,2	Bélgica	1.593	2,7
Japão	361	2,1	Colômbia	1.248	2,1

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

SÍNTESE

- O Estado de São Paulo diferencia-se do Brasil quanto às exportações em razão do peso dos produtos industrializados em sua pauta.
- Nos produtos industrializados de alta intensidade tecnológica, o Estado responde por três quartos do total exportado pelo país.
- Os industrializados de maior elaboração tiveram variação de preços menor do que a média paulista (98%), entre 1999 e 2012. A categoria aeronaves, bastante importante na pauta de exportações paulista, é um exemplo disto, com queda de 6%.
- As exportações paulistas atuam como estabilizadoras, principalmente ao diversificar a pauta brasileira, ajudando a diminuir a vulnerabilidade a choques externos.
- Esses dados ressaltam a importância do Estado para a economia brasileira, como grande polo tecnológico e de diversificação das exportações.

Valor das exportações e índice de preços, segundo agregados

Estado de São Paulo – 1999-2012

Agregados	1999 (em US\$ mil)	2012 (em US\$ mil)	Índice (1)
Total geral	17.542.548	59.349.643	1,98
Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	1.652.009	4.820.327	0,94
Alimentos, bebidas e fumo	359.928	2.584.963	4,73
Aparelhos de relojoaria e suas partes	920	1.310	4,19
Armas e munições; suas partes e acessórios	13.060	149.111	2,40
Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte; suas partes e acessórios	10.167	9.410	2,00
Derivados de madeira, couro e borracha	885.320	2.349.985	1,41
Embarcações e estruturas flutuantes	340	1.176	0,70
Fibras e tecidos (sintéticos ou não)	294.055	388.296	1,27
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia ou cinematografia, medida ou controle de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios	174.488	471.704	1,06
Instrumentos musicais; suas partes e acessórios	2.115	2.301	0,66
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som; aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios	1.202.314	2.689.031	1,47
Móveis; mobiliário médico-cirúrgico, colchões, almofadas e semelhantes; aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos em outros capítulos; anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras luminosas, e artigos semelhantes; construções pré	39.178	317.610	3,31
Objetos de arte, de coleção e antiguidades	178	41.712	98,24
Obras diversas	50.143	162.209	1,15
Papel e produtos editoriais	599.305	1.094.944	1,36
Produtos agropecuários	3.942.194	14.650.255	2,20
Produtos da mineração	159.599	1.377.464	5,66
Químicos, farmacêuticos, fertilizantes e plásticos	1.513.554	6.071.872	1,78
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes	2.520.825	7.926.563	1,76
Transações especiais	284.067	2.859.708	5,32
Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres; suas partes e acessórios	2.248.177	6.812.256	2,03
Veículos e material para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluídos os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação	18.176	59.671	2,44
Vestuários, calçados e acessórios	200.500	213.000	2,27
Vidros, cerâmicas e metais – com suas obras	1.371.939	4.294.763	1,63

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; AliceWeb; Fundação Seade.

(1) Índice de preços de Laspeyres 2012 (base 1999).

NOTA AOS COLABORADORES

Os artigos publicados pelo Primeira Análise devem ser relacionados a pesquisas da Fundação Seade. As colaborações podem ser tanto de integrantes da Fundação como de analistas externos.

A publicação não remunera os autores por trabalhos publicados. A remessa dos originais para apreciação implica autorização para publicação pela revista, embora não haja obrigação de publicação.

A editoria do boletim poderá contatar o autor para eventuais dúvidas e/ou alterações nos originais, visando manter a homogeneidade e a qualidade da publicação, bem como adequar o texto original ao formato dos artigos do Primeira Análise – e para isso podem ser realizadas reuniões de ajuste de conteúdo editorial com os autores.

É permitida sua reprodução total ou parcial, desde que seja citada a fonte.

E-mail de contato: edneydias@seade.gov.br

NORMAS EDITORIAIS

O artigo deverá ser digitado em Word (fonte TIMES NEW ROMAN, corpo 12), contendo no mínimo 15 e no máximo 30 páginas, em espaço duplo.